



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

11532 - Resumo Expandido - Trabalho - XVI Reunião da Anped Centro-Oeste (2022)

ISSN: 2595-7945

GT 20 - Psicologia da Educação

TENDÊNCIAS AUTORITÁRIAS NO BRASIL

Tatyane Pereira de Moraes Soares - UFG - Universidade Federal de Goiás

Juliana de Castro Chaves - FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

TENDÊNCIAS AUTORITÁRIAS NO BRASIL

Na atualidade da sociedade capitalista em seu estágio neoliberal marcado pela agudeza da exploração, eliminação das políticas sociais e precarização do trabalho, as contradições do capital estão mais aparentes (HARVEY, 2014), e oferecem terreno fértil para o fortalecimento de uma extrema direita e de grupos autoritários que proclamam valores morais e conservadores, que se exercem pela violência àqueles considerados opositores.

É nesse contexto que esse trabalho objetiva discutir o autoritarismo no Brasil. O referencial teórico é Theodor Adorno, Max Horkheimer, Leandro Konder, David Harvey e Boito Jr. Realizamos uma pesquisa bibliográfica no sentido de identificar e debater como essa tendência vem se expressando no Brasil.

Sabemos que manifestações autoritárias não são de hoje, o autoritarismo em sua expressão máxima, tem como emblema o fascismo na Itália (1922-1943) e o nazismo na Alemanha (1933-1945), e se desenvolve na esteira das fissuras do progresso e de suas crises (KONDER, 2009), quando a pequena burguesia, comerciantes, classe média, alguns trabalhadores se sentem ressentidos por não terem acendido à camada social mais elevada e direcionam sua energia agressiva culpando os “que se opõe criticamente ao sistema” (ADORNO, 2020, p.46).

Nesse movimento, há uma inversão, já que os determinantes reais ligados à sociedade

burguesa, não são questionados. Além disso, nota-se a constituição de sujeitos com egos fracos que buscam força na coletividade, constituindo processos identificatórios com grupos sociais, sejam com um líder mitificado e/ou ideias do grupo, tendo o que eles representam como seu ideal de eu (ADORNO, 2015). Nota-se a perda do caráter crítico e emancipatório da razão e um primado da ideologia.

Segundo Adorno e Horkheimer (1973), a ideologia é heterônoma e oferece modelos e padrões de comportamento para a manutenção do existente, pois conduz indivíduos a uma lógica que oculta as determinações do real. Explicita Resende (2015, p.59) que o procedimento de razão que se estabelece é irracional e necessita de um “sujeito fixado no ato, não na história, no resultado, não no processo”.

Mesmo depois do nazifascismo, Adorno et al (2019) entre 1944 e 1950 desenvolveram pesquisas com a escala F e revelaram tendências pré-fascistas em sociedades ditas democráticas em traços como adesão rígida à valores convencionais, submissão à autoridade, tendência a condenar pessoas, desvalorização do humano e valorização do objeto, crenças místicas, ideia de dominação e submissão, hostilidade ao outro, considerado inimigo, preocupação excessiva com eventos sexuais e aceitação do fascismo caso se torne forte e respeitável.

Nos chama a atenção que “em plena Era dourada do capitalismo pacificado do pós-guerra, cujo potencial de crise parecia ter sido eliminado” (CATALANI, 2020, p. 33), o nazifascismo continua a ser uma ferida aberta na sociedade, estimulada principalmente por uma extrema direita que difundem as ideias de catástrofe, colapso e medo (ADORNO, 2020), elementos também manifestados no Brasil.

Podemos constatar que manifestações autoritárias no Brasil são realçadas no integralismo (1932-1937) que reunia intelectuais e líderes políticos contrários ao crescimento de movimentos operários, partidos políticos de esquerda e descrença as instituições liberais, tendo como bandeiras o nacionalismo, o reforço dos valores morais, religiosos e familiares que se identificavam com o nazifascismo, e se manifestavam no “Partido Nacional Fascista”, “Ação integralista Brasileira”, dentre outros, que estimulavam a incredulidade na democracia e a doutrinação da juventude (BERTONHA, 2001).

Já de 1964 a 1985, a ditadura militar se institui com o apoio da burguesia contra políticas que envolviam o direito dos trabalhadores, a reforma agrária, urbana e tributária, consolidando um estado autoritário e nacionalista preocupado com o crescimento de uma economia baseada no desenvolvimento da indústria, na concentração de renda e na exploração, atuando de forma violenta com tortura, assassinato e desaparecimento de opositores (SALLUM, 1996).

Após o golpe de 2016, denominado de impeachment da presidente Dilma Rousseff, há o agravamento da crise política e social no Brasil e a ampliação da desigualdade, concentração de riquezas, desestabilização de pautas que envolvem direitos e a intensificação

de uma agenda neofascista que é apoiada por uma alta classe média e pelo capital financeiro internacional, que cerceia o movimento democrático e popular, estabelecendo elementos autoritários que se ampliam principalmente após as eleições de 2018 com a vitória de Jair Bolsonaro como presidente da república (BOITO Jr, 2021).

Pucci (2020) analisando as manifestações autoritárias no país em diálogo com a escala F de Adorno, et al (2019), ressalta o crescimento de grupos com valores convencionais, submissão, agressão autoritária, preocupação excessiva com sexo/sexualidade e identificação com líderes que consideram fortes, ao mesmo tempo que se distanciam de líderes e países que consideram fracos, os colocando como inimigos. Nesse contexto, a hostilidade se expõe como destrutividade e é apoiada pelo fundamentalismo religioso. Nesta lógica, aqueles que se opõem aos valores conservadores e tradicionais passam a ser atacados, como vem acontecendo com grupos de minorias ou mesmo movimentos sociais.

Diante da tendência de traços autoritários no Brasil, Resende (2015) ao realizar uma pesquisa com estudantes universitários do curso de Psicologia em uma universidade privada (1998), e outra em uma universidade pública em Goiânia (2006), a partir da escala F de Adorno, et al, detecta o envolvimento dos estudantes em crenças de caráter religioso ou místico e sua vinculação com a ciência e a formação teórica do psicólogo, indicando que a adesão de estudantes a práticas irracionistas contribui para a constituição de um indivíduo autoritário, preocupado não com o processo, mas com o resultado imediato e irrefletido.

Crochik (1999) adaptou a Escala F de Adorno et e al, e desde então realiza estudos relacionados a ideologia da racionalidade tecnológica e a personalidade narcísica de modo a investigar a questão do preconceito revelando que quanto maior a adesão dos indivíduos a ideologia da racionalidade, maior o número de características narcísicas, sadomasoquista e autoritárias. Além disso, em 2019 trata a questão do Bullying e em 2021 discute o preconceito contra pessoas com deficiência e outras etnias, evidenciando que a violência que se constitui em nossa sociedade está calcada em progresso e administração dos indivíduos como coisas.

No estudo sobre “Medo da violência e adesão ao autoritarismo no Brasil: proposta metodológica e resultados em 2017”, Lima, Jannuzzi, Moura Junior e Segundo (2020) aplicaram 15 questões da escala F adaptada por Crochik para entrevistar 2.087 pessoas de diferentes idades demonstrando uma grande adesão a posições autoritárias em todos os espaços sociais e mais intensa contra os extratos sociais que são historicamente marginalizados, como pessoas em situação de extrema pobreza, com algum tipo de transtorno mental, população negra e homossexuais.

Mediante estas pesquisas, foi possível entender que as tendências autoritárias que se movimentam na sociedade, nos indivíduos e no autoritarismo como regime de governo, não são de hoje. Essas forças envolvem contradições e se estabelecem no entrelaçamento entre o aspecto objetivo e histórico da produção da sociedade e da subjetividade de sujeitos que

aderem a ideias e atos fascistas, mesmo em sociedades ditas democráticas (ADORNO, 2019), tendo vinculação próxima com o conservadorismo e a submissão a violência.

Também identificamos que as tendências autoritárias estabelecem relação com a ideologia, com a racionalidade tecnológica, o anti-intelectualismo, o preconceito, o bullying, o sadismo e o masoquismo, permeados por uma razão irracional que são instigadas pela extrema direita que reforça pânico moral que pode ser o propulsor de tendências autoritárias no país.

Ademais, reconhecemos a importância em elaborar o passado, para compreensão do presente, pois, ao realizar este movimento, consegue-se compreender e revelar aquilo que se oculta. Dizer isso significa que para que *Auschwitz*, emblema da barbárie não se repita, o caminho a ser percorrido considera a importância no avivamento da memória.

Palavras-Chave: Autoritarismo, Tendências autoritárias, Brasil.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor. **Estudos sobre a personalidade autoritária**. Organizado por Virginia Helena Ferreira Costa e traduzido por Virginia Helena Ferreira, Francisco Lopes Corrêa, Carlos Henrique Pissardo. São Paulo. Editora UNESP. 2019.

. **Aspectos do novo radicalismo da direita**. Traduzido por Felipe Catalani – São Paulo. Editora UNESP. 2020, p. 43-77.

. Teoria Freudiana e o padrão da propaganda fascista. In. Theodor. **Ensaio sobre a psicologia social e psicanálise**. I Edição – São Paulo: Editora UNESP, 2015. p.153-152.

ADORNO, Theodor; MARX, Horkheimer. Elementos do antissemitismo. In. **Dialética do Esclarecimento: Fragmentos Filosóficos**. Tradução Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 1985, p.139-171.

BERTONHA, João Fábio. Entre Mussolini e Plínio Salgado: o Fascismo italiano, o Integralismo e o problema dos descendentes de italianos no Brasil. In. **Rev. bras. Hist.** 2001, vol.21, n.40, p.85-104. ISSN 1806-9347. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-01882001000100005>. Acesso em: 01/10/2020.

BOITO JR. O caminho para o neofascismo brasileiro. In. **Caderno C R H**, Salvador, v. 34, p. 1-23, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccrh/a/CSKYLS49WkF4Zr7fnFJTMmm/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 30/05/2022.

CATALANI, Felipe. Depois da meia-noite no século: Adorno e as análises do fascismo. In. **Apresentação da edição brasileira do livro Aspectos do novo radicalismo da direita**. 2015. p. 11-42.

CROCHICK, José Leon. **A ideologia da racionalidade tecnológica e a personalidade narcisista**. 1999. Tese Livre Docência. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/livredocencia/47/tde-20042018-122043/pt-br.php>.

HARVEY, David. **O neoliberalismo: história e implicações**. São Paulo: Loyola, 2014.

HORKHEIMER, Marx; ADORNO, Theodor. Ideologia. In: **Temas básicos em Sociologia**. São Paulo: Cultrix, 1973. p. 184-205.

KONDER, Leandro. **Introdução ao fascismo**. 2 ed. São Paulo, Expressão Popular, 2009.

LIMA, R. S.; Jannuzzi, P. M.; Junior, J. F., & Segundo, D. S. (2020). **Medo da violência e adesão ao autoritarismo no Brasil: proposta metodológica e resultados em 2017**. *Opinião Pública*, 26(1), 34-65. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1807-0191202026134>. Acesso em: 02/02/2022.

PUCCI, B. A personalidade autoritária no Brasil em tempos de neoliberalismo e de coronavírus. In. **Dossiê: “Consequências do bolsonarismo sobre os direitos humanos, a educação superior e a produção científica no Brasil”**. v.14, 1-17, e4538132, jan./dez. 2020 Disponível em: <http://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/4538>. Acesso em: 20/04/2020.

RESENDE, A.C.A. Razão e Des-razão ou como sair vivo daqui. In: Juliana de Castro Chaves; Mona Bittar; Virginia Gebrin. (Org.). **Escritos de Psicologia, Educação e Cultura - vol. II**. 1ed.Campinas, SP:, 2015, v. , p. 51-6.

SALLUM, Jr., B. (1996). Federação, autoritarismo e democratização. In. **Tempo Social**, 8(2), 27-52. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/ts.v8i2.86294>. Acesso em 24/02/2022.